

James W. Sire

hábitos da
mente

a vida intelectual como
um chamado cristão

Poucos escritores evangélicos contemporâneos exploraram com tanto proveito o significado e as implicações da mente e da cosmovisão cristãs como Jim Sire. Agora sua obra sábia, bem fundamentada e sagaz *Hábitos da mente* nos torna devedores ainda maiores dele.

DOUGLAS GROOTHUIS, professor de Filosofia, Denver Seminary e autor de *Truth decay*

Esse talvez seja o melhor livro do dr. Sire até o momento! Ele nos apresentou a muitos colegas que viajam na estrada rumo à sabedoria que são descobertas incríveis por si só. De modo proveitoso ele aponta para todos os elos importantes - mente e coração, paixão por santidade e paixão pela verdade-, elos que deveriam ser inseparáveis, mas lamentavelmente não o são.

TERRY MORRISON, diretor emérito do Faculty Ministry, InterVarsity Christian Fellowship

No decorrer dos últimos 25 anos, ninguém escreveu de modo tão amplo e proveitoso sobre os desafios a que os estudantes cristãos estão sujeitos como James Sire. Página após página, ano após ano ele tem colocado diante de uma geração o significado da fé cristã - intelectualmente produtivo e profundamente verdadeiro. Agora em *Hábitos da mente* ouvimos incontáveis diálogos e uma vida inteira de ouvidos abertos a esse chamado para amar o que cremos, de viver a verdade ao mesmo tempo que aprendemos a investigá-la e refletir sobre ela.

STEVE GARBER, diretor do The Washington Institute for Faith, Vocation & Culture

hábitos da
mente



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sire, James W.

Hábitos da mente : a vida intelectual como um chamado cristão / James W. Sire ;
tradução de James Reis. — São Paulo : Vida Nova, 2021.

272 p.

ISBN 978-65-5967-027-7

Título original: Habits of the mind: intellectual life as a Christian calling

1. Vida intelectual - Aspectos religiosos - Cristianismo 2. Pensamento - Aspectos
religiosos - Cristianismo I. Título II. Reis, James

21-2284

CDD 230

Índices para catálogo sistemático

1. Vida intelectual - Aspectos religiosos - Cristianismo

James W. Sire

hábitos da
mente

a vida intelectual como
um chamado cristão

Tradução
James Reis


VIDA NOVA

©2000, de James W. Sire
Título do original: *Habits of the mind*,
edição publicada pela IVP PRESS (Downers Grove, Illinois, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da
New International Version (NIV). As citações bíblicas com indicação da versão *in loco*
foram traduzidas diretamente da Authorized Version (AV).

DIREÇÃO EXECUTIVA
Kenneth Lee Davis

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Jonas Madureira

EDIÇÃO DE TEXTO
Arthur Wesley Dück

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Tânia Silveira de Medeiros

REVISÃO DE PROVAS
Abner Arrais

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Claudia Fatel Lino

CAPA
Souto Marcas Vivas

PARA MARJORIE,
CUJO REALISMO INTELECTUAL
MANTÉM MEUS DEVANEIOS ROMÂNTICOS
SOB CONTROLE

Não basta pensar, é preciso sentir nosso destino.

MIGUEL DE UNAMUNO,

*The tragic sense of life*¹

Esteja Deus em minha mente e em meu entendimento;

Esteja Deus em meus olhos e em meu olhar;

Esteja Deus em minha boca e em meu falar;

Esteja Deus em meu coração e em meu pensar;

Esteja Deus em meu fim e em minha partida.

SARUM PRIMER²

*Alguns desses hábitos da mente
que, por toda a Bíblia, são apresentados como agradáveis
por si só aos olhos de Deus,
são os mesmos hábitos necessários
ao êxito no campo da investigação científica,
sem os quais é absolutamente impossível ampliar
a esfera de nosso conhecimento.*

JOHN HENRY NEWMAN,

sermão pregado em 7 de julho de 1826

¹Publicado em português por Martins Fontes sob o título *Do sentimento trágico da vida*.

²Coleção de orações e poemas de adoração da Inglaterra do século 13. (N. do T.)

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| <i>PREFÁCIO</i> | 11 |
| I CONFISSÕES DE UM ASPIRANTE A INTELLECTUAL | 19 |
| II JOHN HENRY NEWMAN COMO INTELLECTUAL | 35 |
| III A PERFEIÇÃO DO INTELECTO | 63 |
| IV COMO ME SINTO AO PENSAR: <i>O QUE É UM INTELLECTUAL?</i> | 85 |
| V A DIMENSÃO MORAL DA MENTE: <i>O QUE É UM INTELLECTUAL CRISTÃO?</i> | 103 |
| VI APERFEIÇOANDO O INTELECTO: <i>AS VIRTUDES INTELLECTUAIS</i> | 125 |
| VII APERFEIÇOANDO O INTELECTO: <i>AS DISCIPLINAS INTELLECTUAIS</i> | 147 |
| VIII PENSANDO POR MEIO DA LEITURA..... | 173 |
| IX JESUS, O PENSADOR LÓGICO..... | 209 |
| X A RESPONSABILIDADE DE UM INTELLECTUAL CRISTÃO | 237 |
| <i>ÍNDICE REMISSIVO</i> | 263 |

PREFÁCIO

O chamado é a verdade de que Deus nos chama para si, de modo tão decisivo, que tudo o que somos, tudo o que fazemos e tudo o que temos passa a ser investido com uma devoção, um dinamismo e um sentido especiais, praticados em resposta à sua convocação e seu serviço.

-Os GUINNESS, *The call*

O assunto tratado em *Hábitos da mente* é a vida intelectual, em especial sua natureza integral. Em primeiro lugar, pensar faz parte de nosso chamado para ser o que Deus quer que sejamos. Deus chama cada um de nós a pensar e a fazê-lo da melhor forma que pudermos. Devemos amar a Deus com todo o nosso entendimento, como também de todo o coração, com toda a alma e com todas as forças (Lc 10.27). A razão pela qual já chegamos a pensar de forma diferente não é o assunto deste livro. Esse fato, que não nos surpreende como deveria, tem sido abordado com bastante competência por outros autores, como Mark Noll. Meu maior interesse aqui é explorar nosso chamado para amar a Deus com nossa mente, ao pensar da melhor maneira que pudermos com a inteligência que nos é concedida.

Alguns de nós, contudo, são chamados de maneira especial para uma vida da mente. Não é um chamado que nos torne piores ou melhores, mas um chamado que precisa ser atendido. Pois, como Os Guinness afirma: “Uma vida vivida ao dar ouvidos ao chamado resoluto de Deus é uma vida vivida perante a única audiência que suplanta todas as demais — a audiência dele. Quem nos chama é Deus”.¹ O objetivo central deste livro é identificar, classificar e incentivar aqueles hábitos da mente que são fundamentais para cumprir nosso chamado de glorificar a Deus por meio de um raciocínio correto.

¹Os Guinness, *The call: finding and fulfilling the central purpose of your life* (Nashville: Word, 1998), p. 73 [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *O chamado: uma iluminadora reflexão sobre o propósito da vida e o seu cumprimento*].

Em segundo lugar, raramente pensar é uma questão de lógica fria, impessoal e calculista. Pensar evoca sentimentos. Algumas vezes, quando estou lendo — e pensando enquanto leio —, minha mente fica tão quente, tão irrequieta com as implicações das ideias, que faço uma pausa para me acalmar. John Henry Newman fala sobre a mente deslumbrada pela “música das esferas”. A. G. Sertillanges fala sobre ser erguido nas asas felpudas da verdade. Há efetivamente uma unidade entre pensar e sentir. Unidade, aliás, é algo subjacente a todos os aspectos de nossa *natureza* humana. Por conta disso, tenho deixado minhas emoções à mostra à medida que agonizo e me entretenho, penso e sinto, acerca dos temas principais deste livro: como me sinto ao pensar.

Este livro é, portanto, extremamente pessoal, o mais pessoal que já escrevi. Não hesitei em expressar meus sentimentos e emoções com relação aos objetos com os quais estou lidando. Além disso, creio que estou aprendendo a confiar em minhas emoções e até mesmo em minhas intuições, chegando ao ponto de me dispor a expô-las. Algumas pessoas poderiam dizer que estou aprendendo a me tornar vulnerável; termo esse que reflete, parcial e lamentavelmente, um desvio rumo a uma compreensão terapêutica da fé cristã. Contudo, caso se conclua que isso esteja realmente acontecendo, que fique claro: lutarei contra isso com todas as minhas forças e enquanto for possível, lançando mão de todo o intelecto abstrato à minha disposição pessoal! Tenho dito!

Enquanto escrevia este livro, tive o privilégio de proferir uma palestra na sala Miguel de Unamuno na Universidade de Salamanca. Curiosamente, o tema era “tecnologia responsável”: uma análise das implicações da tecnologia em nosso destino social. Imagino Unamuno nas paredes, ouvindo. O que ele pensaria a respeito? O que quer que fosse, uma coisa teria ficado clara. Seu pensamento teria sido temperado pela paixão. “Não basta pensar, é preciso sentir nosso destino”, escreveu ele.² Assim, desejo o mesmo a todos aqueles que lerem este livro: que seus pensamentos sejam sentidos, que seus sentimentos sejam ponderados. Nosso objetivo será o mesmo de Unamuno: falar como “o homem de carne e osso; o homem que nasce, sofre e morre — sobretudo aquele que morre; o homem que come e bebe, brinca e dorme, pensa e deseja; o homem que é visto e ouvido; o irmão, o irmão de verdade”³ e para ele.

²Miguel de Unamuno, *The tragic sense of life*, tradução para o inglês de J. E. Crawford Fritch (New York: Dover, 1954), p. 16 [publicado em português por Martins Fontes sob o título *Do sentimento trágico da vida*].

³Ibidem, p. 1.

Em terceiro lugar, é preciso pensar corretamente para agir com justiça. A verdade e a espiritualidade têm a mesma essência: conhecer a verdade significa colocá-la em prática. Não há dicotomia entre elas. *Ser* espiritual significa conhecer/colocar em prática a verdade.

Assim, meu principal objetivo com este livro é incentivar você a pensar mais e melhor do que pensava antes de lê-lo, a se esforçar para alcançar “a perfeição do intelecto”, a desfrutar dos hábitos da mente corretos. Ainda que aborde alguns conceitos mais especificamente bíblicos, teológicos e filosóficos, estou muito mais interessado em estimular o legítimo pensamento cristão e despertá-lo a entrar em ação do que propagar um conjunto de ideias.

Minhas melhores considerações, porém, estão lamentavelmente desprovidas de objetividade — até para mim mesmo. Há diversos anos, de modo inconstante, venho pensando sobre este livro e escrevendo-o. Trata-se de um assunto muito importante, importante demais para publicá-lo enquanto ainda está sendo moldado em minha própria mente. Eu queria esperar até que a última palavra, até que a formulação definitiva se cristalizasse. Um livro sobre a vida intelectual devia ser produzido a partir de uma convicção consolidada. Pelo menos era assim que eu pensava. Agora, abandonei essa meta. Mesmo quando minhas palavras denotam certeza, essa certeza não é absoluta. Em vez disso, que todas as minhas palavras reflitam a sabedoria do intelectual da Antiguidade, que disse:

Quando alguém tem, honestamente, 55% de razão, isso já é muito bom e não vale a pena discutir. E se alguém estiver 60% certo, isso é fantástico, é uma sorte enorme e essa pessoa deve agradecer a Deus. Mas o que devemos pensar sobre 75% de razão? Pessoas sábias consideram isso suspeito. Bem, e se falarmos sobre 100% de razão? Qualquer um que afirme estar 100% certo é um fanático, um bruto e o pior tipo de patife.⁴

* * *

Uma advertência para o autor e seus leitores: sempre que alguém ousa instruir ou orientar outras pessoas sobre questões complexas, há um grande perigo.

⁴Atribuído a um ancião judeu da Galícia por Czeslaw Milosz, *The captive mind*, tradução para o inglês de Jane Zielomko (New York: Vintage, 1955), p. 2 [publicado em português por Novo Século sob o título *Mente cativa*].

Dom Camillo enfatiza isso. Corremos o risco, diz ele, “de reencarnar a mensagem de Jesus em uma nova cultura ou ideologia, a qual está destinada, como todas as outras, a perecer, incapaz de expressar os pensamentos de Deus e servindo apenas como um veículo de sofrimento para os cristãos ainda por vir”. Que o Senhor nos proteja — autor e leitores — das consequências maléficas de nossos melhores, porém errôneos, pensamentos!

Uma defesa contra pensamentos errôneos é o testemunho das comunidades intelectuais, tanto especificamente cristãs quanto eruditas de forma geral. Tenho tentado submeter meus pensamentos a essas comunidades ao consultar e citar frequentemente obras de outros autores de um amplo espectro de vertentes intelectuais. Foi fascinante deparar com um amplo respaldo para isso no mais improvável de todos os lugares: no texto de um autor italiano da Renascença:

Sim, utilizo uma enorme quantidade de citações, mas são todas célebres e verdadeiras. E, se não estou enganado, elas transmitem autoridade de forma bastante agradável. As pessoas dizem que eu podia usá-las com mais parcimônia. É claro que eu poderia, ou poderia até omiti-las por completo. Não negarei que talvez até devesse me manter totalmente em silêncio, o que provavelmente seria a atitude mais sábia. Porém, diante das desgraças e dos escândalos deste mundo, é difícil ficar em silêncio [...] Se alguém perguntar o porquê de eu exagerar nas citações e parecer me estender tanto ao explicá-las com tanto afínco, posso simplesmente responder que acredito que o gosto do meu leitor é semelhante ao meu. Nada me comove tanto quanto os aforismos que cito de grandes homens. Gosto de ascender acima de mim mesmo, testar minha mente para ver se ela contém algo substancial ou sublime, ou robusto e inabalável contra o infortúnio, ou descobrir se minha mente tem mentido para mim acerca de si mesma. E não há maneira melhor de fazer isso — salvo pela experiência direta, a melhor de todas as professoras — do que comparar a própria mente àquelas que ela mais provavelmente devia se assemelhar. Por isso, assim como sou grato pelos autores que me dão a oportunidade de testar minha mente em relação a aforismos frequentemente citados, espero que meus leitores também sejam gratos a mim.⁵

⁵Carta de Petrarca a Giovanni Colonna di San Vito, datada de 25 de setembro de 1342, conforme citação de David Lyle Jeffrey, *People of the book: Christian identity and literary culture* (Grand Rapids: Eerdmans, 1996), p. 170.

Seis séculos e meio mais tarde, digo: “Obrigado, Petrarca”. Seu texto sobre aforismos veio bem a calhar, especialmente em seu fervoroso reconhecimento do autoengano do autor. Que sua inspiração nos ajude; nós, leitores do século 21, a detectar quando nossa mente esteve mentindo a nós a respeito de nós mesmos!

* * *

Fico feliz por reconhecer minha dívida para com diversos acadêmicos que recentemente publicaram livros sobre o tema do pensamento cristão. Mark Noll, Os Guinness, David Gill, Brian Walsh, Richard Middleton e George Marsden contribuíram individualmente para o desenvolvimento de meus próprios conceitos. Mencionei seus trabalhos apenas de maneira esporádica, não porque não ajudaram a moldar minha própria perspectiva, mas porque suas obras já são consagradas. Não há necessidade de registrar ou dar uma explicação detalhada sobre o anti-intelectualismo americano ou evangélico. Noll em *The scandal of the Evangelical mind* [O escândalo da mente evangélica] e Guinness in *Fit bodies, fat minds* [Corpos saudáveis, mentes obesas] providenciaram isso. Também não é necessário apresentar um histórico do declínio da presença cristã no mundo acadêmico. Marsden fez isso em *The soul of the American university* [A alma da universidade americana]. É igualmente desnecessário esboçar uma cosmovisão cristã. Walsh e Middleton o fizeram em *The transforming vision*⁶ e *Truth is stranger than it used to be* [A verdade é mais estranha do que costumava ser]. Além disso, tratei desse assunto em *The universe next door*⁷ e *Discipleship of the mind* [Discipulado da mente]. David Gill detalhou as dimensões da mente cristã em *The opening of the Christian mind* [O processo de abertura da mente cristã], como também o fez Gene Edward Veith Jr. em *Loving God with all our mind*.⁸ O livro que melhor se compara à temática e à abordagem que trago aqui é *Love your God with all your mind* [Ame seu Deus de todo o seu entendimento], de J. P. Moreland, publicado enquanto o presente livro estava em um estágio bastante adiantado tanto no papel quanto na minha mente. Deixarei que os outros julguem entre os dois.

⁶Publicado em português por Cultura Cristã sob o título *A visão transformadora: moldando uma cosmovisão cristã*.

⁷Publicado em português por Monergismo sob o título *O universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão*.

⁸Publicado em português por Cultura Cristã sob o título *De todo o teu entendimento*.

Enxergo neste livro um enfoque único na “vida intelectual” em si — não no que um cristão deve pensar, mas em como um cristão pode pensar melhor — com maior precisão, maior atenção às implicações práticas na vida, maior experiência e reconhecimento da presença de Deus em qualquer que seja o pensamento. Por esse motivo deixei de citar meus contemporâneos evangélicos com tanta frequência para sondar as riquezas do pensamento cristão de séculos anteriores e de outras tradições.

* * *

Levei muitos anos para escrever este livro. Embora já tivesse seus elementos mais ou menos planejados antes de começar, seu tema logo fugiu de mim e o livro simplesmente “cresceu” de modo desenfreado e inesperado. Mesmo em sua concepção inicial, o livro jamais teve a estrutura simples de um pinheiro, com um tronco reto apontando em um único sentido vertical. Quanto mais ele crescia, mais se parecia com um olmo ou, melhor ainda, um carvalho. Galhos crescendo em todas as direções, dos quais cresciam novos ramos. Somente ao contemplarmos de longe — quiçá apenas *sub species aeternitatus*⁹ — era possível enxergar uma forma unificada. Então, conforme amadurecia, alguns temas foram redigidos de diferentes formas nos diversos capítulos. Descobri que o que havia escrito sobre a leitura tinha a mesma estrutura geral que havia encontrado ao escrever sobre o saber e o fazer. Também constatei que as disciplinas intelectuais eram quase idênticas às disciplinas espirituais. Então percebi uma profunda semelhança entre as disciplinas de engajamento-abstinência e a natureza ativa-passiva, não só do ato de pensar, mas também do ato de ler. Por fim, outros dois capítulos compostos em momentos diferentes, com objetivos gerais totalmente diferentes, surgiram como cópias exatas um do outro; mas, na revisão final, foram totalmente removidos.

O capítulo 1 apresenta a vida intelectual, examinando diversas definições da palavra *intelectual* e concluindo com a adotada por mim. Uma importante fonte para essa definição é John Henry Newman, cuja própria personalidade como intelectual cristão (o assunto do capítulo 2) já me intriga há muito tempo, assim como seu conceito de “perfeição do intelecto” (capítulo 3). Os dois capítulos

⁹Expressão cunhada por Espinoza que significa “a partir da perspectiva da eternidade”. (N. do T.)

seguintes examinam meu próprio conceito de vida intelectual, primeiramente em relação à sua dimensão claramente mental (capítulo 4), passando então para sua dimensão moral (capítulo 5).

Então seguem três capítulos detalhando a prática intelectual: virtudes intelectuais (capítulo 6), disciplinas intelectuais (capítulo 7) e a prática de pensar por meio da leitura (capítulo 8). Um capítulo sobre Jesus como pensador, até mesmo um “pensador lógico”, apresenta um argumento (dentre muitos que deveriam ser examinados) sobre o qual podemos e devemos refletir (capítulo 9). O capítulo final (capítulo 10) nos desafia, como cristãos, a aceitar a responsabilidade de pensar com devoção e, ao fazê-lo, buscar primeiro o reino de Deus e a glória de Deus. Com essa estrutura fundamentando a tese apresentada pelo livro, acredito que ele se tornou uma árvore, não um amontoado de galhos mortos.

Minha intenção com tudo isso poderia ser resumida em um comentário feito por George Santayana a respeito de William James como professor na Universidade de Harvard: “Um filósofo que se dedica a ensinar os mais jovens está mais preocupado em estabelecer um ponto de partida correto do que uma conclusão acertada”.¹⁰ Que os hábitos de nossa mente nos levem a mais do que meros conhecimentos formais.

Por fim, desejo agradecer àqueles que revisaram essa obra enquanto ainda era um manuscrito e ofereceram conselhos preciosos; apesar de todos os seus defeitos, esse livro foi aprimorado pelas contribuições de Harold K. Bush Jr., Steve Garber, Douglas Groothuis, Don Meeks, Terry Morrison e James Strauss. Um agradecimento especial a James Hoover, meu apoiador e editor de longa data, que me protegeu de muitas e graves gafes. E meu muito obrigado a Ruth Goring, o último olhar editorial sobre essas divagações. Os erros que persistem são exclusivamente meus.

Assim, ofereço agora minha concepção de alguns dos mais apropriados hábitos da mente. *Tolle, lege; tolle, lege.*¹¹

¹⁰George Santayana, *Character and opinion in the United States* (Garden: Doubleday/Anchor, 1920), p. 52.

¹¹Tudo bem. Confesso que exagerei um pouco com essas palavras em latim. Há muitos séculos foram cantadas por uma criança quando Agostinho as ouviu, encorajando-o repetidamente: “pegue e leia, pegue e leia” (*Confessions* 8.12) [publicado em português por Paulinas/Tecnoprint sob o título *Confissões*]. Ele obedeceu e leu Romanos 13.13,14. Sua conversão, altamente emocional e espiritual, veio logo a seguir. Seria um exagero citar isso aqui? Talvez?